

## DISCURSO DE POSSE DOS DIREITORES DE CENTRO DA UFPB

*Maria Luiza Alencar Mayer Feitosa<sup>1</sup>*

UFPB, João Pessoa, PB, Brasil

Quando recebi a notícia de que a Magnífica Reitora me convidava para proferir o discurso em nome dos Diretores e diretoras (a serem) empossados hoje, o primeiro pensamento que me ocorreu foi um livro de Gabriel Garcia Marques cujo título é **YO NO VENGO A DECIR UN DISCURSO**. O escritor colombiano, no evento de colação de grau de sua turma do ensino médio, ao invés do esperado discurso, preferiu falar de amizade, pedindo a cada um que consultasse seus sentimentos e sua intimidade, convidando-os a partilhar o instante da despedida e, invocando as palavras de Cicero, designou os colegas “membros plenos da Academia do dever e cidadãos da inteligência”.

Para este momento, que não se trata de tributo ou homenagem pública, mas ato de posse coletiva, no qual um dos empossados se expressa em nome do grupo, pontuando responsabilidades e pautando compromissos, penso que se aplica a ideia de Garcia Marques, quando ponderou que não estava ali para fazer discurso.

Em primeiro lugar, cabe-me ressaltar dificuldades de ordem pessoal. Sabendo que a palavra é um dom poderoso, que a eloquência é a mais viva de todas as artes e que a verdadeira eloquência quando se põe em ação resta indomável, visto que nada é capaz sobrepujá-la, devo externar minha dificuldade em suceder, nas solenidades da atual Reitoria, aos colegas Luciano Mariz Maia, que homenageou a Senhora Reitora, e Marcílio Toscano Franca Filho, que saudou o vice-reitor, oradores capazes do requinte científico e da sofisticação da forma, manifestando retórica invejável e plena. Luciano testou a virtude da paciência pela destreza da sapiência, em trocadilho apurado de sabedoria e bom-humor; Marcílio avultou a espiral do tempo e suas peripécias ao unir e reunir destinos, acentuando (pelo caminho verbal) novos registros linguísticos e inversões gramaticais, com a desenvoltura de quem conhece a arte da literatura e seu poder diante de outros domínios.

Como não possuo a graça da palavra que encanta, vou tentar me comunicar pela palavra que analisa, critica, sugere e convida à ação. Voltando a Garcia Marques, escolho, em substituição ao

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Jurídico-Econômicas pela Universidade de Coimbra, Portugal. Diretora do Centro de Ciências Jurídicas da UFPB. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

discurso, duas expressões para guiar e congregar este grupo de novos diretores e diretoras de Centro pelos próximos quatro anos: 'desafios múltiplos' e 'parcerias institucionais'. Desafios que demandam enfrentamentos, compromissos, tenacidade, prudência, responsabilidade e ação. Parcerias (internas e externas) que permitirão a ação coletiva, o estabelecimento de alianças estratégicas, os benefícios mútuos a partir de soluções negociadas e do diálogo construtivo entre os agentes.

Na atualidade global, o desafio maior da Educação Superior brasileira consiste na sua capacidade de preparar profissionais aptos a enfrentarem a construção da chamada *communis humani generis societas* (ou a sociedade universal do gênero humano) de que falou Cícero há mais de vinte séculos e que voltou à cena nos tempos atuais. A consciência da magnitude dos problemas contemporâneos nos induz à ideia da sociedade centrada em torno da Vida (no sentido bíblico da palavra, ou seja, da plenitude do ser, na sua relação com a natureza e com os outros).

O processo de globalização, regido pela racionalidade estritamente econômica e pelas leis do mercado, espalhou pelo mundo um tipo de pensamento único, a partir do modelo hegemônico europeu, que provocou, ao longo dos tempos, a crise mundial social, ambiental e climática e ética da atualidade, com repercussões sobre todos os campos do agir humano. Enrique Leff denuncia essa crise, indicando como modo de enfrentamento o reforço do poder do território, aqui entendido como espaço de produção e reconhecimento da cultura local, mecanismo de reação ao desenraizamento cultural causado pela globalização. Roland Robertson havia usado a palavra glocalização, neologismo formado pela junção dos termos globalização e localização, para denunciar a polarização mundial entre ricos (globalizados) e pobre (localizados), advogando a necessidade de superação dessa distorção.

No mesmo sentido, Leff propõe o incentivo à formação de novas identidades sociais e culturais, pelo reconhecimento dos direitos à vida, à sobrevivência do planeta e à diversidade cultural, a partir de nova racionalidade, construída sobre a trílice política: do ser, do devir e do transformar. A universidade é, sem dúvida, um dos lugares para a construção dos novos tempos: tempos da sustentabilidade; tempos da outridade (para Leff, mais do expressivo do que a conhecida noção de alteridade); tempos da solidariedade dos homens entre si, entre estes e a natureza, entre as presentes e futuras gerações. Esse desafio nunca se pôs tão fortemente em evidência como agora, impondo a necessidade de rompimento do cerco causado pelo pensamento único globalizado e avisando que é preciso fertilizarmos os territórios culturais pelos novos sentidos existenciais.

Três funções são oficialmente reconhecidas às Universidades: o ensino, a pesquisa e a prestação de serviços à comunidade. Ocorre que as Universidades brasileiras, a despeito da recente ampliação que experimentaram em razão de políticas governamentais de fomento (como o programa REUNI, o PROUNI, o Ciências sem Fronteiras e outros), encontram-se imersas em problemas de variadas dimensões. Na vertente organizacional, por exemplo, relevam as dificuldades ligadas à estrutura e ao funcionamento, como a atomização curricular e a formação fragmentada dos estudantes; a tendência à unidisciplinaridade; o paralelismo entre as estruturas colegiadas das diversas unidades acadêmicas; a burocratização exagerada das instâncias de decisão acadêmico-administrativas; a falta de integração entre visão e estratégia; o afastamento das causas sociais; a

departamentalização exagerada; a desarticulação entre o ensino de graduação e o ensino de pós-graduação; entre outros problemas. De modo geral, é possível perceber isolamento, corporativismo e individualismo nas estruturas departamentais arcaicas, além de rigidez estrutural no inteiro sistema.

Senhoras e senhores, diletos colegas servidores e estudantes, na verdade, as Universidades brasileiras, ao se distanciarem da sociedade e do mercado, adotaram modelo autofágico, misto de obsolescência e ineficiência, sem condições reais de se constituírem em vanguarda do resgate que o país precisa com ultrapassada urgência. A Universidade que precisa ser a vanguarda da vanguarda, no entanto, salvo algumas exceções, incorpora hoje proposta estrutural superada, cuja revisão merece ser radical, assim, faz-se imperativa a realização de Estatuintes, que respeitando as peculiaridades de cada Instituição, modifiquem as suas composições e sua organicidade.

Outro desafio enorme está no campo da pesquisa, entendida como princípio de ciência e de educação. Pesquisa científica representa a forma produtiva de conhecimento que, no patamar mais concessivo, seria pelo menos a capacidade de digerir criticamente, imprimindo ao conhecimento absorvido interpretação própria, capaz de orientar a intervenção histórica. Como princípio educativo, a pesquisa passa pela prática, insistindo na formação profissional, pelo domínio produtivo do conhecimento, com a observância de que a cidadania não se reduz a exercícios políticos e ao cultivo de ideologias preferenciais. Magnífica Reitora, ilustríssimo vice-Reitor, nobres Pró-reitoras e Pró-Reitores, colegas diretoras e diretores, a Universidade deve ter a marca da excelência e da produtividade, sem, entretanto, perder de vista o seu compromisso social e político. Deve saber articular competência e humanismo, cidadania e oportunidades de mercado.

Renato Janine Ribeiro, que exerceu o cargo de diretor de avaliação da Capes, indica triplo desafio para as Universidades brasileiras: primeiro, fazer o sistema atingir padrão de qualidade compatível com as exigências do mundo contemporâneo e com o estado de evolução e dinamização do conhecimento, incorporando os avanços pedagógicos compatíveis. Segundo, aproximar-se da universalidade de acesso, senão para todos os cidadãos e cidadãs, mas, pelo menos, para aqueles e aquelas que demonstrarem vocação, aptidão e motivação para se formar nos níveis superiores de ensino. Terceiro, atenta aos contornos e dilemas da historicidade periférica, a Universidade brasileira precisa desenvolver, pelo comprometimento orgânico de suas estruturas acadêmicas, programas sociais relevantes, capazes de superar carências estruturais.

Janine Ribeiro ainda acrescenta que, se uma universidade europeia ou norte-americana pode se dar ao luxo de exibir, como principal distintivo, a pertinência científica, a universidade brasileira precisa demonstrar, além da qualidade acadêmico-científica, relevância social. A universidade brasileira tem o dever do engajamento cultural e do compromisso para o enfrentamento dos problemas sociais, como a superação da pobreza crônica, o fim do analfabetismo e a geração de alternativas econômicas. Nessa fórmula repousaria o segredo para o necessário 'salto civilizatório', de que nos fala insistentemente Cristovam Buarque. Atente-se que não estamos discorrendo sobre uma mudança qualquer, mas sobre a alteração paradigmática do próprio padrão civilizatório herdado da racionalidade europeia.

No caso da Universidade Federal da Paraíba, instituição situada no interior do Brasil, em região castigada pelas leis da natureza e pelo descaso sistemático do poder político central (ao longo, pelo menos, dos últimos noventa anos, nomeadamente, a partir do processo de industrialização nacional), o desafio de construir uma Instituição universitária pública capaz de redesenhar a geopolítica do conhecimento é muito grande. Particularmente, quando reflito sobre o nordeste, remeto-me a duas metáforas que envolvem a figura do espelho. Em primeiro lugar, penso no espelho do conto de Machado de Assis, no qual o narrador assevera aos leitores que cada um de nós possui duas almas, sendo uma exterior, que exibimos aos outros, e com qual nos julgamos a nós mesmos de fora para dentro, e outra interior, raramente exposta aos olhares externos, com a qual julgamos o mundo e a nós mesmos, de dentro para fora. A primeira seria mais frágil e estética; a segunda, densa e ética. Assim, haveria o nordeste do litoral, da beleza, das praias paradisíacas, que prefere se exhibir nos cartões postais, escondendo o nordeste do sertão, da natureza morta, da seca e da esmola governamental.

Essa ambivalência figurativa do nordeste foi sentida e abordada na obra de dois grandes nordestinos: Gilberto Freyre, em visão socioecológica, e Celso Furtado, em visão socioeconômica. Freire propunha a harmonização entre o rural e o urbano, evitando desequilíbrios ambientais, de modo a ir-se perseguindo o que chamou de política rurbana, que equilibraria os valores urbanos e rurais não apenas no Nordeste, mas no Brasil inteiro. Furtado, ao refletir sobre o processo de formação da economia brasileira, percorreu a trajetória de desenvolvimento desigual do Brasil, propondo que o país encontrasse as suas próprias soluções. Neste sentido, e aqui vem a segunda imagem de espelho que me referi há pouco, Furtado recomenda, com base em Richard Morse, que se quebre o “espelho do próspero”, significando o rompimento com o modelo social e econômico ditado do centro às periferias. Freire e Furtado, cada um a seu turno, analisaram a ambivalência, os paradoxos e as duas almas na região Nordeste, um escolhendo o equilíbrio entre os contrários, o outro pretendendo a intervenção política planejada para dissipar o atraso econômico e social que opõe a região Nordeste ao Centro-Sul, reproduzindo internamente o modelo centro-periferia.

Magnífica Reitora, caros colegas diretores e diretoras, a UFPB pode e deve agir no sentido de realizar os propósitos desses dois grandes nordestinos. Podemos intervir para que as almas nordestinas se reconciliem porque conhecemos e reconhecemos a necessidade de privilegiar os saberes excluídos e as singularidades locais; porque sabemos que a universidade é a plataforma mais eficaz de gerar educação para humanizar a técnica; porque, voltando a Enrique Leff, a Universidade pode ser o *locus* privilegiado da construção de um tipo de racionalidade capaz de acolher as diferenças, assumindo sua relatividade e incomensurabilidade.

Os desafios para a UFPB são enormes. Neste momento, trago à cena o outro elemento do meu não-discurso, qual seja, a proposta de parcerias institucionais construtivas, plenas de sérios propósitos. Primeiro, a parceria camarada entre diretores e vice-diretores (neste ponto, homenagem e abraço o meu parceiro de gestão, professor Robson Antão de Medeiros, na pessoa de quem saúdo os demais vices). Depois, a parceira com a Administração Superior. Não o apoio em troca

de favorecimentos, mas a companhia de consortes que partilham a responsabilidade comum de administrar esse grande projeto universitário, para os nossos corpos administrativos (professores, técnicos e estudantes), mas ao serviço de nossa alma social, nordestina, guerreira, identificando os dons e carismas que nos habilitam a servir e a construir novos caminhos.

Cabe-nos o fortalecimento da ação politizada no sentido da descentralização administrativa e da desburocratização dos processos acadêmicos, metas importantes na campanha da atual gestão superior da UFPB. Podemos juntos, não somente questionar os paradigmas, mas articular o projeto substituto; compete-nos, a partir de agora, identificar os erros e acertos do passado, não para ficarmos em processo de queixume e lamúria dos desacertos, mas para seguir em frente, advertindo-nos de modo a não repetir as mesmas falhas (centralização, isolamento, pedantismo acadêmico e burocratização), mas trabalhar, com humildade, a consolidação das novas vias.

Para concluir, assim como Garcia Marques, eu os convido, caros e caras colegas diretores e diretoras, a enfrentarmos os desafios da gestão da UFPB, juntamente com a equipe reitoral, pedindo a cada um que reflita sobre os grandes propósitos institucionais, convidando-os a compartilhar, não a despedida da turma de Garcia Marques, mas a inteira jornada que começa agora. A construção dessa pauta comum pode nos revelar não somente “membros plenos da Academia do dever e cidadãos da inteligência”, mas membros da academia do saber, cidadãos capazes da erudição e da simplicidade, clarividentes de nossa condição de gestores da causa social.

João Pessoa, 25 de janeiro de 2013